

Isabel Jungk

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Brasil

Desire and sense in the associative chains of the subject of the unconscious

The algorithm of the linguistic sign, formed by the signified and the signifier according to Saussure, was radically reinterpreted by Lacan based on the notion of the Freudian unconscious. In this redefinition, Lacan proposes and explains why the signifier has primacy over the signified in unconscious processes, which are governed by desire which, in turn, always seeks to manifest itself through language. The signifier functions as *lettre*, being able to generate multiple associative chains from its materiality. Through these associations that break and go beyond the established logic of the language code, the process known as the point of *capiton* stops its slippage, giving rise to meaningful language manifestations that evince the desire of the subject. The present article seeks to explain schematically these semiotic processes of the unconscious, which are at the basis of the symbolic production.

Keywords

Unconscious, desire, *parlêtre*, signifier, sense, *point de capiton*

O desejo e o sentido nas cadeias associativas do sujeito do inconsciente

O algoritmo do signo linguístico, formado pelo significado e pelo significante conforme Saussure, foi radicalmente reinterpretado por Lacan a partir da noção de inconsciente freudiano. Nessa redefinição, Lacan propõe e explica por que o significante tem primazia sobre o significado nos processos inconscientes, regidos pelo desejo que sempre busca manifestar-se por meio da linguagem. O significante passa a funcionar como letra, sendo capaz de gerar cadeias associativas múltiplas a partir de sua materialidade. Por meio dessas associações que quebram e vão além da lógica estabelecida do código da língua, o processo conhecido como ponto de *capiton* detém seu deslizamento, dando lugar a manifestações de linguagem plenas de sentido que evidenciam o desejo do sujeito. O presente artigo busca fundamentar e explicitar esquematicamente esses processos semióticos do inconsciente, que se encontram na base da produção simbólica.

Palavras-chave

Inconsciente, desejo, *parlêtre*, significante, sentido, ponto de *capiton*

Para compreender como o desejo está atrelado à produção de efeitos de sentido para o sujeito do inconsciente, e como o próprio sentido se dá, os termos *significante* e *significado* merecem uma abordagem cuidadosa, uma vez que, tendo sido inicialmente definidos pela Linguística de Ferdinand de Saussure, foram totalmente reinterpretados por Lacan em função da noção de inconsciente freudiano. Faremos essas abordagens mostrando as diferenças de acepção de um e de outro para ambos os pensadores, passando pelo conceito de letra e as cadeias associativas que ela é capaz de gerar em função de sua materialidade, subvertendo os significados fixos da língua estabelecida, a fim de chegarmos à noção de ponto de *capiton*, também chamado de ponto de estofa, e que explica o mecanismo da produção de sentido.

O signo linguístico saussureano

Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral*, propôs um esquema da constituição da linguagem em que os pensamentos e os sons formam uma massa amorfa, contínua, um verdadeiro “reino flutuante” de fluxos, como pode ser visto nas ilustrações abaixo:

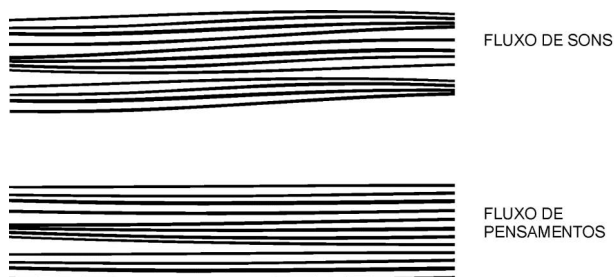


Figura 1 – Fluxo de sons e de pensamentos conforme SAUSSURE (CLG, p. 131)

Para explicar como a linguagem intervém nesse reino de fluxos, Saussure postulou que a criação do *significante* e do *significado* consiste em um corte nesses fluxos que age ligando dois elementos distintos, sons e pensamentos, e que assim engendram o signo linguístico, como evidencia o esquema a seguir:

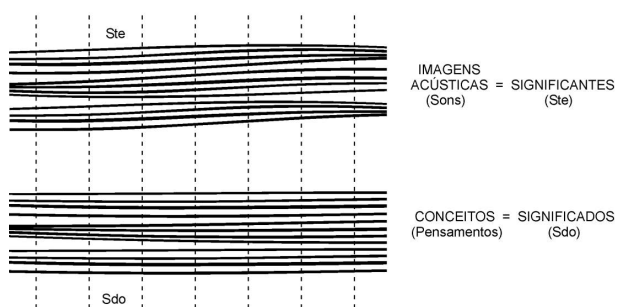


Figura 2 – Esquema do corte do fluxo de sons e de pensamentos (Nasio, 1995, p. 274)

Ou seja, para Saussure, o fluxo de sons é diferente do fluxo dos significantes, sendo a criação de cortes que produz a ordem *significante*, ao passo que o mesmo acontece com o *significado*, que advém de um corte no fluxo dos pensamentos. Dessa forma, o signo linguístico não é aquilo que une uma coisa a um nome, mas sim aquilo que

une um conceito a uma imagem acústica, pois “esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial” (CLG, 2006, p. 80). Saussure esclarece ainda que, embora chamemos essa imagem sensorial de ‘material’, isso se dá apenas neste sentido, e por oposição ao conceito, o outro termo da associação *signica* que geralmente é mais abstrato, por tratar-se de uma imagem psíquica.

Como uma entidade psíquica de duas faces, o signo linguístico é composto, assim, por dois elementos que são instituídos numa relação de associação, representada abaixo pelas flechas verticais. Saussure prefere então, substituir conceito por *significado* (*Sdo*), e imagem acústica por *significante* (*Ste*), exprimindo, esquematicamente a unidade linguística como signo da seguinte maneira:

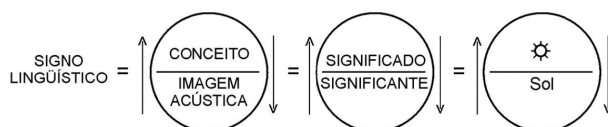


Figura 3 – Esquema baseado em DOR (1989, p. 29) e em GARCIA-ROZA (2005, p. 184)

Importante notar que essa relação *significado-significante* refere-se à significação do signo linguístico considerado como entidade isolada, e que a significação do signo não se esgota nessa relação, uma vez que ela também se dá em função da relação que um signo mantém com os outros signos da língua, aspecto que Saussure chamou de valor do signo. Com o conceito de *valor*, evidencia-se uma outra dimensão do signo, que passa a ser considerado também como um termo no interior de um sistema, numa relação horizontal formadora de cadeias *significantes*, como indicam as setas:



Figura 4 – Esquema do valor do signo conforme Saussure (CLG, p.133)

Segundo Saussure, o signo, como estabelecido pelo código da língua, possui ainda outras características, tais como: (i) sua *arbitrariedade*, ou seja, o signo é considerado imotivado em relação a seu significado, já que não parece existir elo necessário entre um conceito e a imagem acústica que serve para representá-lo; (ii) sua *imutabilidade*, pois uma vez associados *significante* e *significado*, esta ligação se impõe à massa falante, originando a submissão de uma comunidade linguística à língua para construir suas mensagens; e, finalmente, (iii) sua *linearidade*, isto é, o caráter linear do *significante* pelo qual evidencia-se a sucessividade no tempo da parte material do *significante*, uma vez que só é possível emitir um fonema de cada vez, numa sequência.

O significante para Lacan

A analogia estrutural entre certos processos da linguagem e o dinamismo inconsciente levou Lacan a importar o termo significante da linguística de Saussure, incorporando-o à psicanálise, porém, com outra acepção bastante diferente da original. No Seminário 20, LACAN (2008, p. 55) mostra no que o signo se diferencia do significante; para ele o signo não é “signo de alguma coisa, mas de um efeito que é aquilo que se supõe, enquanto tal, de um funcionamento do significante”.

Em psicanálise, portanto, o termo significante não designa uma realidade tangível, no sentido sensorial e material que Saussure lhe atribuía, mas sim uma espécie de causa de certos fatos que se materializam e se repetem ao longo da vida do sujeito falante, o *parlêtre*. Esse neologismo, criado por Lacan a partir da fusão das palavras *parler* e *être*, designa o sujeito como *ser de linguagem* no qual o inconsciente se expressa através da fala. Um significante é, assim, uma entidade formal, observável, apenas porque a ela estão referidos certos fatos, falas e atos do sujeito que se repetem com certa insistência.

Essa recorrência de efeitos significantes se dá porque a inauguração do aparelho psíquico e, portanto do sujeito do inconsciente, está relacionada à noção freudiana de recalque originário, uma primeira fase de recalque pela qual um representante psíquico da pulsão é recalcado, isto é, tem negada sua entrada na consciência, constituindo-se numa forma de fixação, sendo conseqüentemente substituído por outro, “criando o núcleo do inconsciente, com o qual outros representantes estabelecem ligações que podem eventualmente levá-los a serem sugados para dentro do inconsciente” (Fink, 1998, p. 98). O autor explica como Lacan iguala esses representantes aos significantes no nível do pensamento, uma vez que são os significantes que apresentarão as pulsões ao *parlêtre*:

De acordo com Freud, o inconsciente contém *Vorstellungsrepräsentanzen*, literalmente ‘representantes da (re)representação ou idéia’, mas em geral traduzida como ‘representantes ideacionais’. Eles são os representantes psíquicos das *Triebe*, pulsões. Na visão de Freud, são tais representantes (e não as percepções ou os afetos) que são recalcados. [...]

Lacan propõe que igualemos esses representantes aos significantes, palavras substituindo pulsões (isto é, funcionando como os representantes das pulsões) no nível ideacional: o nível da representação ou do pensamento. Os significantes são aquilo que permite que as pulsões sejam representadas: apresentados a nós como seres da linguagem. Começando a partir dessa equação de *Vorstellungsrepräsentanzen* como os significantes, o recalque é conceitualizado por Lacan como algo que leva à criação do inconsciente como base em um casal de significantes: o “significante unário”, que Lacan representa como S1, e o “significante binário”. (Fink, 1998, p. 98)

Lacan passa a fazer, então, uma distinção fundamental entre significante e significado e entre as duas redes de relações que eles organizam de forma independente. A relação, aparentemente fixa, entre significante e significado no sistema da língua, é suscetível de modificações na dimensão da linguagem, a partir das operações metáfora-metônimas do inconsciente, o que faz com que Lacan insista na noção de primazia do significante sobre o significado. Para ele, “o significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, com a leitura do que se ouve de significante. O significado não é aquilo

que se ouve. O que se ouve é significante. O significado é efeito do significante” (Lacan, 2008, p. 39, Seminário 20). Isso leva Lacan a inverter o algoritmo do signo saussuriano, passando a ser, ele próprio, o algoritmo lacaniano, a notação do processo significante, onde o significante se localiza acima da barra e o significado abaixo, sendo que a barra indica uma resistência à significação, já que separa um do outro e revela a autonomia do significante em relação ao significado, formadores de duas ordens distintas para Lacan, ficando assim, quebrada a unidade do signo defendida por Saussure. Para GARCIA-ROZA (2005, p. 186), “a cadeia dos significantes (ou cadeia significante) é, ela própria, a produtora de significados. É essa cadeia que vai fornecer o substrato topológico ao signo lacaniano, impondo que nenhum significante possa ser pensado fora de sua relação com os demais”. Nessa inversão, Lacan também passa a grafar significante com ‘S’ maiúsculo e significado com ‘s’ minúsculo, o que, esquematicamente, pode ser representado da seguinte forma:

$$\begin{array}{l} \text{SIGNO} \\ \text{LINGÜÍSTICO} \\ \text{(Saussure)} \end{array} = \frac{\text{SIGNIFICADO}}{\text{SIGNIFICANTE}} \neq \begin{array}{l} \text{ALGORITMO} \\ \text{LACANIANO} \end{array} = \frac{\text{S (Ste)}}{\text{s (sdo)}}$$

Figura 5 – Esquema comparativo entre o esquema do signo linguístico e o algoritmo lacaniano

O significante passará, assim, a consistir na estrutura sincrônica do material da linguagem, ao passo que o significado, aquilo que o rege ‘historicamente’, consistirá numa sintaxe ligada ao inconsciente, surgida da clivagem originária, pelo processo da metáfora paterna, onde um significante S2 representa e substitui um significante S1 recalcado. “Significante e significado são duas ordens distintas, constituindo duas redes de articulações paralelas. Há um deslizamento incessante do significado sob o significante e é a rede do significante, pelas suas relações de oposição, que vai constituir a significação do sonho” (Garcia-Roza, 2005, p. 187), bem como de todas as produções significantes do inconsciente, tais como lapsos, chistes, esquecimentos, entre outras manifestações.

Lacan propõe, ainda, um afastamento entre um significante e outro significante, sendo somente em outro momento em que será possível ter acesso ao significado. Essa abordagem fica ainda mais explícita na construção da cadeia significante, já que o seu sentido só se fecha retroativamente com o que ele chamou de ponto de *capiton*, como será mostrado adiante. “Os significantes são, pois, tributários de uma sintaxe que não lhes pertence ou pelo menos que não pertence ao sistema Pré-consciente/Consciente” (Garcia-Roza, 2005, p. 65). Cumpre notar, ainda, que a extensão da cadeia significante no inconsciente será diretamente proporcional à resistência à significação que ela vai oferecer, tanto no sonho, quanto na linguagem:

O importante a se destacar no emprego que Lacan faz desses dois mecanismos descritos pela linguística é o fato de que é através deles que se produz a ruptura entre o significante e o significado, fazendo com que, pela interposição de um novo significante, o significante original caia na categoria de significado, permanecendo como significante latente. Quanto mais extensa for a cadeia significante que surja nesse intervalo, maior será a distorção produzida. Se tomarmos o exemplo do sonho, teremos que ele resiste à significação porque uma série de novos significantes se interpõe entre o significante do sonho manifesto e o significado inconsciente portador do desejo. (Garcia-Roza, 2005, p.189)

Dessa maneira, Lacan se diferencia do estruturalismo e, portanto, da Linguística de origem saussuriana, na medida em que, para o inconsciente, o signo encontra-se subordinado ao significante. Como ressaltam SANTAELLA e NÖTH (1999, p. 68), “num retorno radical às descobertas freudianas e no contexto das novas cenas da linguagem, trazidas à baila pela linguística, J. Lacan buscou, nos tropeços e desfalecimentos da fala, irrupções da letra do inconsciente”.

O conceito lacaniano de Letra

Lacan, em seu seminário sobre o conto *A carta roubada* (*The purloined letter*, no original) de Edgar Allan Poe, cria seu conceito de letra, uma vez que em francês, *lettre*, quer dizer *carta* e, ao mesmo tempo, *letra*. No conto de Poe, uma carta comprometida é roubada e engenhosamente escondida pelo ladrão à vista de todos que, por isso mesmo, não conseguem encontrá-la. Lacan usa o conto como metáfora das mensagens que o inconsciente envia ao sujeito, revelando seus desejos através de suas produções que, no entanto, precisam ser decifradas. A letra é, dessa forma, o suporte material do significante, e isso permite dizer que a letra presentifica o que separa o significante do significado.

Em princípio, a letra designa a estrutura da linguagem na qual o sujeito está implicado, estrutura essa atrelada ao funcionamento do inconsciente, que leva a uma dupla *literalização* do sujeito, já que, por um lado, a linguagem com sua estrutura preexiste à entrada que cada um faz nela em um dado momento de seu desenvolvimento psíquico e, por outro, o sujeito, como locutor, toma emprestado à estrutura da linguagem o suporte material de seu discurso. Neste segundo aspecto, dois conceitos estão em jogo: o *discurso concreto* e o *suporte material*. O discurso concreto é determinado em relação com a linguagem, no que tange a sua estrutura, e com a fala, no sentido da execução individual da língua. A fala, por sua vez, é especificada na intersubjetividade da interlocução e na transindividualidade da linguagem e do sujeito.

Mas o aspecto mais relevante do conceito da letra talvez seja o de ser ela o suporte material do significante, que pode ser um fonema, um morfema, um vocábulo, um sintagma, uma frase, uma oração ou várias. O sujeito toma emprestado à linguagem, ou melhor, àquela porção da linguagem de que dispõe, o material para seu discurso concreto que, no entanto, não é isento de subjetividade, uma vez que é, ele próprio, o sujeito, determinado pela materialidade singular que a letra é:

A letra caracteriza o significante em sua materialidade, a materialidade é uma literalidade. O significante no seu aspecto material não é considerado somente no momento fônico, mas também no momento gráfico. Através de Freud, têm-se uma preponderância do que se pode chamar ‘escriturário’, quanto ao papel do significante na caracterização do representante psíquico da pulsão. [...]

No caso do capítulo dos *Écrits*, ‘A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud’, a instância caracteriza o momento sistêmico do inconsciente como instância da letra, ou seja, o inconsciente fica proposto ou caracterizável como sistema da letra ou a ordem da letra, o significante em sua materialidade. (Vallejo et al., 2008, p. 73-74)

Essa materialidade singular do significante, que pode ser considerada tanto no seu aspecto fônico, quanto gráfi-

co, não é um lugar, uma instância propriamente dita, mas sim, uma “ausência em seu lugar” que, no entanto, confere uma materialidade somática à linguagem. É por isso que, para Lacan, a linguagem se designa como “não sendo imaterial”, como tendo um corpo sutil, materializado no conceito de letra, cuja função de designar objetos ele toma emprestada à matemática:

Vocês deixaram passar isto, que eu disse, que a letra designa um ajuntamento. [...] as letras constituem os ajuntamentos, as letras são, e não [somente] designam, esses ajuntamentos, elas são tomadas como funcionando como esses ajuntamentos mesmos. Vocês veem que, ao conservar ainda esse como, me apego à ordem do que coloco quando digo que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Eu digo como para não dizer, sempre retorno a isto, que o inconsciente é estruturado por uma linguagem. O inconsciente é estruturado como os ajuntamentos de que se trata na teoria dos conjuntos como sendo letras. (Lacan, 2008, p. 53, Seminário 20)

Assim, a escrita é visual e a escuta é auditiva, no entanto, ao “ler”, isto é, interpretar as homofonias e os anagramas, por exemplo, presentes nas produções do inconsciente, é a letra que está em jogo, pois trata-se de uma materialidade da linguagem entendida como estruturadora do inconsciente e que, portanto, não pode ser pensada, de forma alguma, como uma materialidade *substancial* nos termos do que pode ser chamado de materialismo clássico. A letra é a sutil materialidade do inconsciente, que a molda a fim de produzir suas manifestações no âmbito do código da língua, expressando-se, ainda que para isso tenha que subvertê-lo. Dessa forma, para NANCY (1991, p. 38), a letra é matéria, mas não é substância, o que significa dizer que ela é um termo “inqualificável, aparentemente irreduzível a todas as oposições da conceitualidade filosófica tradicional, que, doravante, ocupará o ‘lugar mestre’ (se é que se pode, ainda, falar assim) naquilo que, a partir de Freud, é indicado sob o nome de inconsciente”. Dessa maneira, a letra é o suporte material do significante, e isso permite dizer que a letra presentifica o que separa o significante do significado, em oposição à linguística. Para compreender isso, é preciso pensar no sentido que a letra gera, a partir de sua apropriação pelo inconsciente, diferente daquele que ela traz em função do sistema pré-estabelecido da língua. Quando Lacan fala no sentido de que a letra é portadora, faz-se necessário entender isso como o sentido que a letra por si mesmo traz em sua combinatória, isto é, como os efeitos de sentido que ela é capaz de gerar por meio de redes associativas partindo de sua tênue materialidade:

Basta pensar em um lapso, no esquecimento de um nome, por exemplo, onde se tem toda uma rede associativa a partir de um significante. Há um fragmento que por si mesmo não é portador de significação, mas que na composição linguística produz um efeito de significado. Essa literalidade que produz um efeito de sentido é justamente o que, para Lacan, produz o efeito de heterogeneidade radical que está em jogo no inconsciente. Através dessa combinatória se articula um discurso totalmente outro e que está além da ordem dos significados que poderiam estar logicamente implicados. Portanto, quando Lacan fala do sentido da letra quer mostrar a preponderância do literal em relação ao significado que vai resultar em seu efeito. (VALLEJO et al., 2008, p. 82)

Ou seja, a letra é um fragmento que por si mesmo não é portador de significação, mas através do qual, o incons-

ciente, por meio de sua função simbólica, se expressa, o que leva à constatação de que, para a produção de um efeito de sentido, um significante (S) pode estar associado a muitos significados (s) e vice-versa, subvertendo o código linguístico, pois “a letra significante em sua combinação produz efeitos de sentido que divergem quanto ao sentido que ela poderia portar em uma relação biunívoca codificada na língua estabelecida” (Vallejo et al., 2008, p. 81). Essa multiplicidade associativa pode ser visualizada a seguir:

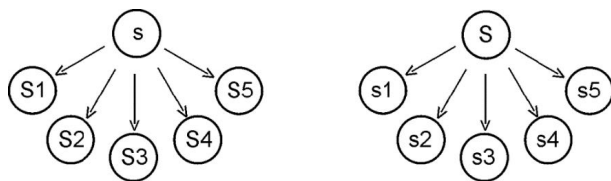


Figura 6 – Esquema com base em S. Leclaire, apud DOR (1985, p. 30)

De maneira bastante elucidativa, FINK (1998, p. 95) observa que o significado não é nada além daquilo que geralmente chamamos de pensamentos ou ideias, e que, por sua vez, os pensamentos são combinações específicas de significantes, ou seja, pensamentos se constituem de significantes organizados de uma determinada forma. Ele observa que compreender não é sempre um processo consciente, mas envolve sempre uma reconfiguração que assimila novos significantes em uma malha significativa já existente:

Quando você ‘pega’ o sentido de algo que alguém diz, o que ocorre além de uma localização da afirmação no contexto de outras afirmações, pensamentos e termos? Compreender significa localizar ou encaixar uma configuração de significantes dentro de outra. Na maioria dos casos, compreender é um processo não tão consciente quanto se poderia desejar, e que não exige nenhuma ação da parte do sujeito: as coisas se encaixam dentro da teia de conexões variadas entre pensamentos já ‘assimilados’. (Fink, *ibid.*)

Ponto de Capiton e o sentido Après Coup

Para Saussure, como vimos, significante e significado nascem do corte dos fluxos de sons e pensamentos, associando-se por esse ato de corte. Já para Lacan, um fluxo seria de significantes e outro de significados, transformando-se em cadeias associativas. Na relação entre as duas, Lacan coloca como vínculo o ponto de *capiton*, chamado também de ponto de estofo ou de basta – traduzido ao inglês como *quilting point* ou *anchoring point* –, pelo qual se detém o deslizamento significante. Para Lacan, “o ponto-de-estofa é, antes de mais nada, a operação pela qual o significante detém o deslizamento, de outra forma indeterminado e infinito, da significação. Em outras palavras, é aquilo por meio do qual o significante se associa ao significado na cadeia discursiva”, conforme DOR (1985, p. 39).

Outra diferença em relação a Saussure está no deslizamento das cadeias, uma em sentido contrário à outra, sendo o vínculo entre elas sempre retroativo, *après coup* (ou só-depois), como vemos no esquema a seguir:

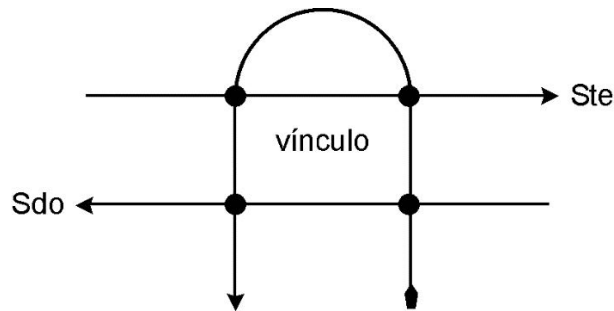


Figura 7 – Esquema do *après coup* (Nasio, 1995, p. 276)

A partir desse esquema em duas camadas, a linha dos significantes foi mantida com esse nome, tendo sido a inferior, a dos significados, interpretada como a cadeia do discurso comum, corrente, ou o que Lacan chamou mais tarde de “moinho de palavras”, em contraposição à palavra plena de sentido. Segundo NASIO (1995, p. 277), “essa interpretação da cadeia saussureana do significado foi muito importante: ela pressupôs a prevalência do significante, pressupôs que a palavra ‘plena’ só provinha dos efeitos do significante, e pressupôs que o significado era ‘dominado’ pelo significante.

No esquema abaixo, onde \$ = sujeito barrado, S = significante, S' = último significante, causa do ponto de estofo, e Δ = ao “que no sujeito o impulsiona, o força a manter uma determinada relação com o significante S”, conforme DOR (1985, p. 173), o vetor Δ→\$ é o vetor dos significados e esquematiza a operação de estofo da cadeia significante materializada por S→S', que se trata, em suma, de uma intersecção, que ilustra a propriedade do discurso segundo a qual é com o último termo de uma sequência falada que o primeiro e seus sucessores recebem sua significação. É o chamado valor do signo saussureano que se materializa a posteriori, ilustrado pelo sentido retrógrado do vetor Δ→\$:

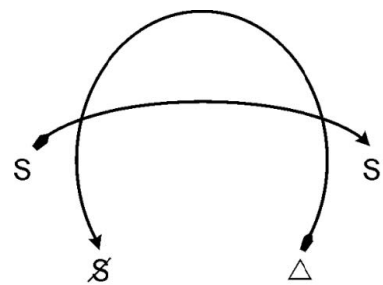


Figura 8 – Esquema simplificado da operação de estofo, segundo Dor (1985, p. 107)

Assim, cada termo é antecipado na construção dos outros e, inversamente, sela seu sentido por seu efeito retroativo. Somente e sempre retroativamente é que um signo faz sentido, em função de que a significação de uma mensagem só acontece ao final de sua própria articulação significante, como mostrado no esquema acima. “Esta dimensão retroativa do sentido é materializada no esquema do ponto-de-estofa pelo sentido retrógrado do vetor Δ\$; dito de outra forma é na dimensão da posterioridade que o ponto-de-estofa detém o deslizamento da significação” (Dor, 1985, p. 40).

Apesar do ponto de capiton representar a relação entre

significante e significado como no corte saussureano, ele introduz no processo do discurso uma dimensão que poderia ser chamada de ante linguística por anteceder-lá, e que pode ser chamada a dimensão do desejo. Em função da força da demanda, o desejo fica obrigado a se manifestar por meio da língua, sendo, portanto, cativo do processo de linguagem. Contudo, o desejo possui uma anterioridade lógica em relação ao discurso no qual se manifesta, fazendo com que a própria linguagem, como um todo, fique tomada nas redes das determinações inconscientes do desejo ao ser utilizada pelo sujeito:

A evidência mais imediata desta intrincação do desejo, do inconsciente e da linguagem manifesta-se no caráter radicalmente contingente do sentido. O desdobramento do discurso no fala-ser (parlêtre) impõe, com efeito, esta consequência de que não há sentido em si. Não há outro sentido senão o sentido metafórico. O sentido só surge da substituição de um significante por outro significante na cadeia significante. Em outras palavras, trata-se antes de tudo da primazia do significante sobre o significado. (Dor, 1985, p. 148)

É por esse elemento, o desejo, que a relação entre significante e significado representada pelo ponto capitoneado não pode ser reduzida a uma simples intersecção, o que leva Lacan a propor uma representação mais estruturada:

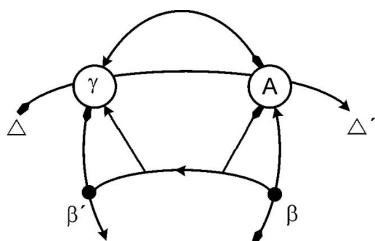


Figura 9 – Esquema da operação de estofo segundo Lacan, conforme DOR (1985, p. 152).

Nesta representação, a cadeia significante passa a ser representada pelo vetor $\rightarrow\Delta_{\gamma}A\Delta'$, que será substancialmente constituído por fonemas, unidades desprovidas de sentido que combinadas, produzem os significantes, e que se prestam a uma pluralidade de efeitos significantes, como por exemplo, a homofonia. Como observa DOR (1985, p. 151), “em razão da primazia do significante sobre o significado, esta cadeia constitui um lugar favorável às possibilidades de operações metafóricas e metonímicas, uma vez que as metáforas e as metonímias se elaboram sempre sob a forma de substituições significantes”.

Por sua vez, o circuito $\Delta_{\beta\beta'}\gamma$, conforme DOR (1985, p. 152), representa o discurso racional (ou também, círculo do discurso), que é o discurso comum constituído por elementos significativos, os significantes, ou os pontos fixos determinados pelo código ou língua. No círculo do discurso, em função das regras impostas pela língua, o nível de articulação da palavra fica com suas possibilidades de criação de sentido bastante reduzidas, já que, em certa medida, o sentido é fixado pelo próprio código, o que faz desse discurso concreto um lugar relativamente vazio, um lugar de palavra vazia como disse Lacan, em oposição à palavra plena, advinda do inconsciente.

O ponto A do esquema é o lugar do código, onde se encontram fixados os diversos empregos dos significantes.

É, assim, o lugar do referente simbólico, do Outro, do “tesouro dos significantes”. O ponto γ é o lugar de encontro com a cadeia significante, do remate do entrelaçamento, isto é, da mensagem, onde se constitui o sentido a partir do código.

O discurso comum passa aquém do enlace $\rightarrow A_{\gamma}$, que vai do código à mensagem, ficando no curto-circuito da falação $\rightarrow \beta\beta'$, onde o parlêtre esgota-se no registro da palavra vazia da falação. O ponto β é lugar do objeto metonímico, isto é, do objeto que é sempre delegado no lugar do objeto do desejo. Já o ponto β' especifica o sujeito, o Eu (Je), ou seja, o lugar no discurso daquele que fala.

Em primeiro lugar, é claro que uma mensagem – seja ela qual for – só pode elaborar-se se este dispositivo existir em sua totalidade. Por outro lado, a palavra autêntica de um sujeito (a palavra plena) só pode advir no lugar da mensagem, porque uma cadeia de significantes desdobra-se sob a tutela de um código que governa sua utilização. Consequentemente, todo sujeito que engaja seu discurso no curto-circuito da ‘falação’, faz necessariamente ouvir muito mais do que ele crê dizer. Este acréscimo de sentido resultará de uma elaboração significante que deve ser situada na parte superior do dispositivo e que, embora tenha sido colocada fora de circuito, estará implicitamente presente. (Dor, 1985, p. 154)

Ainda segundo o autor (Dor, *ibid.*), é possível evidenciar o mecanismo construtivo desta criação de sentido, “examinando o funcionamento de um conjunto do dispositivo a partir de uma formação do inconsciente. Com efeito, se a articulação da linguagem é suscetível de criar sentido, ela só o consegue tomando por base processos metafóricos e metonímicos”.

Em outras palavras, esse efeito de sentido se trata de quando o deslizamento do significante se detém em uma manifestação “concreta” do inconsciente. Esse momento, não raro, revela-se na criação via metonímia ou metáfora de um lapso ou neologismo, ou até na insistência na escolha de uma determinada palavra, às vezes até, na impossibilidade de utilização de qualquer outra, pelo sujeito, para referir-se a determinada coisa, pessoa ou situação. É um ponto de repetição, de embotamento do uso da língua-código pelo parlêtre, que revela a força da ação que o saber do inconsciente sobre os desejos e o gozo do sujeito, exerce sobre o próprio sujeito, o que faz com que a linguagem também opere de forma independente, fora do controle consciente:

Muitas vezes temos a sensação de que escolhemos nossas palavras, outras vezes elas são escolhidas para nós. Talvez sejamos incapazes de pensar e expressar algo a não ser que de forma muito específica (sendo essa a única formulação que nossa linguagem – ou pelo menos aquela parte da linguagem que assimilamos e temos, digamos assim, à nossa disposição – nos oferece); e ocasionalmente algumas palavras irrompem e nos dão a impressão de não as termos escolhido (longe disso!). Certas palavras e expressões se apresentam enquanto falamos ou escrevemos – nem sempre as que queremos –, às vezes com tanta persistência que somos quase forçados a falar ou escrevê-las antes de sermos capazes de prosseguir. Uma certa imagem ou metáfora pode surgir em nossa mente sem que procuremos ou de qualquer forma tentemos construí-la e se atirar em nós com tanta violência que nada podemos fazer senão reproduzi-la e depois apenas tentar caçoar de seu significado. (Fink, 1998, p. 32-33)

Dessa maneira, essas expressões, são selecionadas em Outro lugar que não a consciência (Fink, *ibid.*). Sendo fruto de processos metáforo-metonímicos, como vimos, é por isso que Lacan sugere que as compreendamos a partir da interação constante de duas cadeias de discurso

que caminham aproximadamente paralelas uma à outra, embora em um sentido figurado visto que uma pertence ao inconsciente e outra ao sistema pré-consciente-consciente, cada uma se desdobrando e se desenvolvendo ao longo de uma linha temporal própria, mas com a possibilidade de, às vezes, interromper ou intervir na outra, como buscou-se evidenciar.

Considerações finais: o desejo como motor das produções do inconsciente

Compreender como o inconsciente subverte a ordem lógica estabelecida pelo código da linguagem, mesmo à revelia do sujeito consciente, implica reconhecer que, em seu nível mais fundamental, o sujeito é regido pelos processos do inconsciente que possuem sua própria lógica, a lógica do desejo, motor do inconsciente, que é marcado e movido pela falta de um objeto de desejo primevo e que busca manifestar-se constantemente em busca de satisfação.

Contudo, diferentemente dos desejos de ordem biológica, que visam a satisfação de certas necessidades, o desejo constitutivo do sujeito do inconsciente pode ser considerado indestrutível, uma vez que é capaz de sustentar-se em uma permanente insatisfação (Vallejo et al., 2008, p. 21). O desejo opera por deslizamento constante em um plano de contiguidade e, embora remeta o sujeito a uma falta primeira, se articula como uma busca infinita por uma satisfação que está sempre mais além. Essa busca, que desliza de objeto em objeto, manifesta-se em cadeias associativas, que rompem com as características do código linguístico, subvertendo a arbitrariedade e a imutabilidade dos signos da língua, rompendo até mesmo com sua linearidade, por meio de fusões e superposições dos ditos significantes, abrindo espaço para que o sujeito do inconsciente se manifeste e seja possível expressar com palavras o que em última instância se deseja, isto é, o sentido.

A psicanálise busca evidenciar “exatamente a verdade do desejo. Sua função é fazer aparecer o desejo que o discurso (racionalista) oculta, e esse desejo é o da nossa infância, com toda a carga de interdições a que é submetido” (Garcia-Roza, 2005, p. 66). Desejo esse que constitui o sujeito e que, de manifestação em manifestação, ou seja, de deslocamento em deslocamento e de condensação em condensação, alicerça a produção simbólica humana, sendo responsável pela ordem significativa em que estamos inseridos, ela mesma fruto de nosso desejo e busca de sentido.

Referências bibliográficas

ARRIVÉ, Michel. **Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros.** Trad. Mário LARANJEIRA e Alain MOUZAT. São Paulo: EDUSP, 2001.

CESAROTTO, Oscar; SOUZA LEITE, Márcio Peter. **O que é psicanálise.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.

DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem.** Vol.1. Trad Carlos E. REIS. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo.** Trad. Maria de Lourdes S. Câmara. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998.

FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras psicológicas de Sigmund Freud,** vol. 1 (1911-1915). Luiz Alberto HANNS (org.). Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

FREUD, Sigmund. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud,** vol. 6 (1901): Edição Standard Brasileira. Jayme SALOMÃO (org.). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

JUNGK, Isabel. **Linguagem, língua, alíngua. Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura.** Lucia SANTAELLA e Fani HISGAIL (orgs.). São Paulo: Iluminuras, 2013.

KAUFMANN, Pierre (Ed.). **Dicionário enciclopédico de psicanálise: O legado de Freud a Lacan.** Trad. Vera RIBEIRO. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1996.

LACAN, Jacques. **O Seminário 20: Mais, ainda.** Trad. M. D. MAGNO. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 [1975].

NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe Lacoue. **O título da letra: uma leitura de Lacan.** Trad. Sergio Joaquim de ALMEIDA. São Paulo: Editora Escuta, 1991.

NASIO, Juan D. **Introdução às Obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan.** Trad. Vera RIBEIRO. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

REGO, Claudia de Moraes. **Traço, letra, escrita: Freud, Derrida, Lacan.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia.** São Paulo: Iluminuras, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** Trad. Antônio CHELINI, José Paulo PAES, Izidoro BLIKSTEIN. São Paulo: Cultrix, 2006. (Citado como CLG, seguido do número da página).

VALLEJO, Américo; MAGALHÃES, Ligia. **Lacan: Operadores de leitura.** São Paulo: Perspectiva, 2008.